

A NOVA VAGA

Esteve recentemente em Lisboa, Alvin Toffler, o autor da *Terceira Vaga* que consciente do mundo “fantástico” da informática para onde caminhamos, levanta hipóteses sobre o nosso futuro procurando desdramatizar os efeitos que recairão sobre as formas de produção, de informação e de convivência.

Para perceber o que aí vem, este sociólogo famoso olha em bloco para a história já vivida da humanidade e detecta nela três grandes momentos que visualiza sugestivamente como vagas – grandes ondas – feitas tal como elas de milhares de gotas que conjugando-se todas, acabam por se transformar em enormes massas que, ao espriarem-se, nos transportam para mundos diferentes daqueles a que estamos habituados. São eles a pré-histórica descoberta da agricultura, a oitocentista revolução industrial e aquele em que estamos, a era da informática.

Assim como a agricultura permitiu a ultrapassagem da mera economia recolectora e fez surgir o comércio, a escrita, as cidades e a formulação de novos tipos de governo (das monarquias teocráticas às democracias), também a revolução na utilização das fontes de energia e o aparecimento da máquina nos trouxe para aquilo que hoje somos: sociedades democratizadas pugnando pela vivência generalizada dos direitos do homem. E se por um lado, este é um dos aspectos mais louváveis da nossa época – considerar e assumir que todos temos os mesmos direitos e que cada um de nós deve ter um lugar ao sol – por outro, também nos transformámos em multiplicadores intensos de necessidades e capacidades para as satisfazermos utilizando todos os mesmos meios de comunicação, orientados todos pelos mesmos meios de informação, escalpelizados nas nossas intimidades pelas mais variadas ciências, usufruindo os mesmos produtos, pretendendo as mesmas regalias, escorregando todos para uma grande uniformidade do pensar, do sentir, do viver, o que quer dizer para uma grande massificação.

Para obviar a estes males, riscos da nossa época massificada, a pedagogia, aquela ciência que tem por objectivo reflectir sobre a educação e por característica exigir que a sua prática seja também uma arte, sofreu nestes tempos modernos uma das suas maiores revoluções que foi a de centrar a educação no individuo e não nos interesses da sociedade.

Do século XIX para cá, por confluência dos ensinamentos das ciências humanas e de várias filosofias, tem evoluído no sentido de conceber os homens como seres criativos, únicos nas suas personalidades respectivas, tendo às costas a obrigação de realizarem em plenitude as suas potencialidades pessoais e simultaneamente fazerem perdurar as sociedades a que pertencem, transformando-as em mundos melhores, mais solidários, mais justos e mais livres.

Aos perigos da sociabilização exagerada e uniformização integral para que tende esta nossa segunda vaga das sociedades massificadas, vem agora justapor-se a assim chamada terceira vaga, que em princípio aparece como o mundo da robotização, da informação avassaladora em que tudo parece estar cada vez mais ao alcance de todos nós, deixando de ter razão aquele verso do Álvaro de Campos “e só alcançamos onde o nosso braço chega / e só vemos até onde chega o nosso olhar”, dada a sofisticação crescente da capacidade técnica que nos levará imediatamente a confins jamais esperados. Ora é desta imagem que nos vem libertar Toffler, ao dizer que a terceira vaga poderá abrir oportunidades às propostas da pedagogia dos nossos tempos porque ela virá permitir a diversidade e a diferença ao proporcionar-nos mais tempo e mais espaço em cada um de nós para se encontrar.

Com efeito, nas palavras deste futurólogo as realizações técnicas irão livrar-nos da concentração massificadora nos grandes empregos, do viver nos grandes aglomerados e do trabalho a tempo inteiro. Assegurando a subsistência e a existência com maior eficácia, passaremos a estar menos alienados e a dispor de tempo para explorar e construir a realidade que somos. À massificação vem pois abrir-se a alternativa da individualização, tarefa ingente e difícil.

Vindo ao encontro desta proposta, existe em Portugal um livro que relata a prática quotidiana de um mestre de meninos orientada no sentido de conseguir que os seus alunos chegassem à assunção das suas personalidades próprias naquela concepção da educação como construção da realidade ascendente, integral e dinâmica que é o homem. Refiro-me ao *Diário* de Sebastião da Gama, o poeta da Arrábida, o pedagogo de curta vida, que ensinou na Escola Comercial Veiga Beirão em Lisboa e em Setúbal e Estremoz. Precisamente, a sua prática pedagógica foi recentemente objecto de uma leitura cuidada, feita à luz da psico-pedagogia que nos ensina a ver a riqueza conceptual e humana da actividade docente de Sebastião da Gama que foi acima de tudo educadora. Com efeito, “A Pedagogia Vital de Sebastião da Gama” (ed. O Livro, Lisboa) da

MARIA TERESA PIMENTA
A NOVA VAGA

autoria de Jesús Herrero, demonstra, com a sua leitura de o *Diário*, como o simples ensinar de um professor, estagiário e poeta, revela a invenção de uma prática baseada numa filosofia da vida humana encarada como convivência felicitária. Do homem Sebastião da Gama emerge o poeta e o filósofo e de ambos, o educador ao serviço da vida individual e concreta que traduzida em nomes próprios como Fosco, Ludovico, Manuel, etc., nem mais nem menos que uma pedagogia de “terceira vaga”, na linguagem de Toffler, em que o indivíduo luta por ser pessoa numa sociedade massificada.

Ora isto acontecia de forma anónima e quotidiana numa escola de Lisboa, em 1946, quarenta anos antes dos sociólogos americanos futurizarem a nova época da individualização. Por aqui podemos ver a capacidade do poeta para se antecipar aos futurólogos da terceira vaga e verificar como na humildade da nossa paisagem lusitana existia já o génio da antecipação pelo sopro de um homem selecto.

Ocorre-nos pensar que o futuro não começa agora; começou há muitos anos no coração de um jovem poeta, graças à sua inspiração, à nobreza do seu espírito e capacidade de «ver». É que o futuro da história tal como o seu passado, pertence afinal aos que defendem como norma de vida a do espírito criador e convivencial.

MARIA TERESA PIMENTA

Publicado no *Jornal de Abrantes* a 3 de Maio de 1985